

# Uma orgia LITERÁRIA

Os Prazeres da Vida deram o mote para o IV Encontro de Escritores de Língua Portuguesa em Natal. Na capital do Rio Grande do Norte estiveram autores como Mário Zambujal, João de Melo, Afonso Cruz, Germano Almeida, Luís Carlos Patraquim e Ricardo Araújo Pereira, que falaram sobre erotismo, gastronomia e humor. E literatura

Textos de Rita Silva Freire, em Natal\*

**O erotismo** foi o tema mais 'quente' que se discutiu em Natal. Com o calor tropical e o Atlântico a arrulhar ao fundo, é fácil despertar a sensualidade dos corpos. Foi o que aconteceu no IV Encontro de Escritores de Língua Portuguesa em Natal, dedicado ao tema 'Os Prazeres da Vida', realizado pela UCCLA a 8 e 9 de Novembro, e integrado do Festival Literário de Natal, Brasil.

Quando Mário Zambujal entrou na Tenda dos Escritores, acompanhado por João de Melo, Nuno Camarneiro, Alice Goretti Pina e Celina Veiga de Oliveira, para falar de erotismo e literatura, mal podia acreditar na plateia que o esperava, composta sobretudo por um público escolar, com idades entre os 14 e os 16 anos. O que não intimidou Zambujal, que recordou a obra que lhe marcou a primeira juventude: **A Marca dos Avelares**, uma dúzia de libidinosas páginas dactilografadas. «A Marca dos Avelares era título enigmático, e como tal credor do benefício da dúvida. Todo o malandro é inocente até prova em contrário. Vai-se a ler e descobre-se que marca era essa: a família Avelar possuía como distintivo anatómico uma parte do corpo exageradamente crescida, a ponto de tocar nos joelhos», contou, admitindo não se lembrar de todos os passos do herói, Pedrinho Avelar, mas recordando um jovem «que escondia a anormalidade. Sempre existiram pessoas que não dão valor ao que têm. Mas tudo se descobre, principalmente quando as coisas são grandes [...]. De segredinho em segredinho, espalhou-se pela cidade, para o empolgante jogo das cartas sexuais. Porém Pedrinho possuía o maior trunfo: o ás de paus» continuou, aproveitando para uma reflexão sobre a língua: «Em Portugal, embora o substantivo não seja alheio a volúpias sexuais, fala-se em pau pelos mais diferentes motivos: cara de pau, colher de pau, pau de bandeira, bandeira a meio pau, pagam-me 600 paus e é um pau... Um pau é pau para toda a obra. Mas depois de conhecer o sentido popular no Brasil, nunca mais repeti, diante de brasileiro ou brasileira, o provérbio português: enquanto o pau vai e vem folgam as

costas. É que as divergências podem causar problemas diplomáticos. Como o episódio da nomeação do embaixador português para o Brasil. Salazar nomeou mas logo desnomeou, ao saber dos significados: era o general Buceta Martins». E da linguagem, Zambujal passou para as diferenças entre pornografia e erotismo. «Há pornografia a dar com um pau, revistas e filmes mostram perfeitos corpos nus e tudo o que de mais recreativo se pode fazer com eles. A literatura não vai além de descrever a anatomia das personagens e relatar os desenvolvimentos, lance após lance, estilo narração de futebol: vira, domina, mete em profundidade, remata! Esse lance a lance é o que fica fora de jogo do erotismo. O sem cerimónia

### «Os Avelares possuíam uma parte do corpo tão crescida que tocava os joelhos», brinca Mário Zambujal

nia destrói o arrebatamento erótico. Veja-se o *striptease*: o público aquece mais com a lenta revelação do corpo do que com a exposição sem preliminares». E por isso disse sonetos de Bocage e Maria Teresa Horta, lembrando o primo Basílio de Eça de Queirós e as *Cartas Portuguesas* de Sórora Mariana Alcoforado, como exemplos perfeitos da literatura erótica em português. E concluiu: «O erotismo é uma riqueza espiritual que só a

### «O sem cerimónia destrói o arrebatamento erótico. Aquece-se mais com a lenta revelação do corpo», diz Zambujal

espécie humana possui. Mas também pode conduzir ao mais cruel sofrimento. É um pau de dois bicos».

Num registo menos jocoso mas nem por isso menos arrebatador falou João de Melo, merecendo uma ovação geral da plateia. Referiu os pequenos prazeres, como «a água que nos mata a sede, e o vinho que nos anima, a chuva escutada no lado de dentro de uma janela, os elogios de bocas desejadas» e os grandes, como «a glória de estar vivo, o sexo e o amor, a cama, a boa mesa, as viagens pelas cidades que só existiam nos livros, os livros e as artes que amamos, os prémios. Entre uns e outros flui e balança a corda metafísica da felicidade», disse, desvelando o segredo para a felicidade: «Chamar a nós os pequenos prazeres e deixar que os grandes nos aconteçam por si».

E, quando a realidade não chega, nada como as palavras para a prolongar. «A literatura fez de mim um viajante, um inventor de intimidades, um sedutor, um amante em imaginação. Amei literariamente gente inventada. Poderá chamar-se a isto amor platónico? Os escritores não são mais que amantes platónicos fora de casa. Maridinhos fiéis, obedientes ao

diabólico sexto sentido e intuição das suas mulheres [...]. Praticar o erotismo literário é um risco, uma aventura de extremos. O escritor homem precisa de especializar-se no conhecimento do feminino, no seu mistério ardente, na grandeza da entrega total, nas suas perfidias e perversões. Para se conhecer uma mulher não basta pôr os adjectivos no feminino. O erotismo da mulher requer os silêncios dos longos abraços, exige a pele sob pele, a doçura dos segredos ao ouvido, e só depois o corpo e depois ainda o som da criança nos braços do amante. Os maus escritores incorrem nos ridículos de alguma literatura apócrifa, são uma desilusão em duplo, não sabem despir suavemente uma mulher, não lhe murmuram

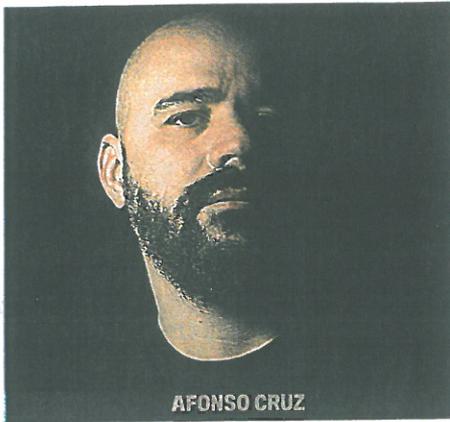
### Para João de Melo «os escritores não são mais que amantes platónicos fora de casa»

frases ternas, não lhe acariciam os ombros, não beijam onde devem beijar, não deslizam nas águas profundas e pacientes em que se oculta e se revela o desejo da mulher», disse o autor de *Gente Feliz com Lágrimas*, não deixando de exaltar os que o fizeram ter fé na literatura: Eça de Queirós com o seu *Primo Basílio*, Flaubert com *Madame Bovary*, Nabokov com *Lolita*, João Ubaldo Ribeiro com *A Casa dos Budas Ditosos*.

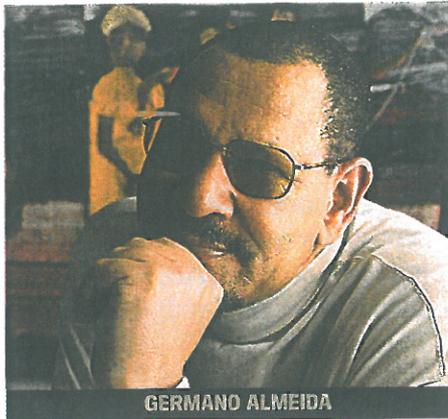
Foi esse mesmo romance brasileiro que uma amiga de Nuno Camarneiro lhe recomendou um dia, dizendo-lhe que era um livro erótico. «Comprei o livro e li o livro. E quando a encontrei de novo disse que tinha gostado muito, que era muito erótico, muito erótico mesmo. E talvez lhe tenha piscado o olho. Ela sorriu e foi à vida dela, mas eu tinha quase a certeza que o livro era pornográfico. Pelo menos era bom, e até o aconselhei a muitas outras amigas. Sempre com a mesma frase: é um livro de um erotismo único, libertário, transgressor. E talvez lhes tenha piscado o olho», disse o vencedor do Prémio Leya, que considera quase impossível definir a fronteira entre ▶



GERMANO ALMEIDA, ANTÓNIO FONSECA, Ricardo Araújo Pereira e Luís Carlos Patraquim falaram sobre humor numa mesa moderada por dois jornalistas brasileiros



AFONSO CRUZ



GERMANO ALMEIDA



RICARDO ARAÚJO PEREIRA

erotismo e pornografia. «Será que depende do carácter mais ou menos explícito das actividades descritas? Será uma medida da beleza do texto? Ou, simplesmente, o erotismo é o que gostamos de ler em público e a pornografia o que gostamos de ler em privado?».

Ao escrever, Camarneiro deparou-se com o problema: como descrever o acto sexual? Detalhar ou usar elipses? «Usar terminologia científica como ‘falo’, ‘vagina’ e ‘períneo’ ou metáforas como ‘o animoso ariete’, ‘a mofosa gruta’ ou o ‘virgíneo botão’? Descobri que, em prosa, um acto sexual só é bem descrito se estivermos a falar de outras coisas – a relação de poder entre os intervenientes, as expectativas de ambos com o relacionamento, o desejo que sentem por outras pessoas, o medo de que a mulher ou o marido entrem subitamente no quarto. Tudo o resto parece artificial e abusivo: afinal as personagens sabem melhor do que nós o que fazer com os seus arietes e os seus botões». E acrescentou: «É difícil o amor letrado e é difícil acrescentar versos ao silêncio. Para escrever o desejo é preciso inventar um lábio cego e deixar a língua arder. Afinal, talvez o erotismo seja o único sinónimo que a poesia aceita - o sexo na ponta no verbo, a sílaba doida, o som de um corpo que colapsa».

E como não só de sexo se fazem os prazeres da vida, José Carlos de Vasconcelos, Afonso Cruz e o angolano John Bella juntaram-se aos brasileiros Adriana Lu-

**«Os maus escritores não sabem despir suavemente uma mulher, não lhe murmuram frases ternas», aponta João de Melo**

cena e Woden Madruga para falar de gastronomia. E se José Carlos de Vasconcelos aproveitou para dar uma autêntica aula de literatura em língua portuguesa com a gastronomia como pretexto, que começou em Camões e acabou em Saramago e Lobo Antunes, passando por Gil Vicente, Jorge Amado e Pessoa, Afonso Cruz optou por falar do néctar que tanto aprecia – e até fabrica: a cerveja. Mas primeiro aproveitou para falar do campo, onde vive, lembrando como, dias antes, parado na estrada ocupada por um rebanho de ovelhas, reparou como os bichos morriam de medo dos carros, mas nem

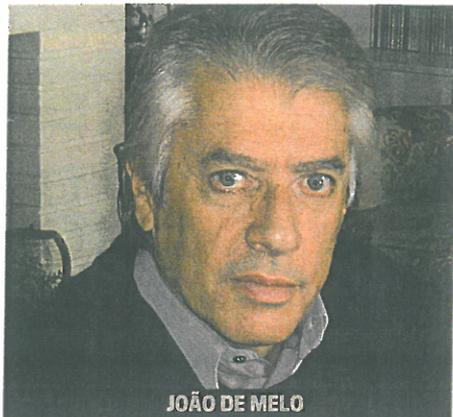
**«Será o erótico o que gostamos de ler em público e a pornografia o que lemos em privado?», questiona Camarneiro**

por isso paravam de comer, e o dia em que viu um veado ser abatido. «Esvaía-se em sangue e esticava a cabeça para comer. A sua vida é só isso. Felizmente creio que a maior parte dos homens, se moribundos, estiquem a cabeça não para um amendoim, mas para um verso de Celan ou um parágrafo do Dostevsky. Mas em Portugal, mal este Governo tomou posse, acabou com o Ministério da Cultura. Vê-nos como ovelhas: as pessoas trabalham para comer, não para esticar o pescoço para a cultura».

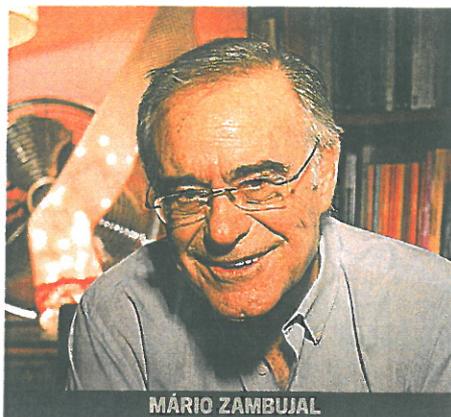
Foi de cerveja, porém, que o autor quis falar. «A cerveja, dizem, foi o motivo pelo qual nos sedentarizámos. Se o homem não tivesse parado, hoje não existiam prisões, escravidão, trabalho. O homem não acumulava, mas ao parar deixou de perseguir a Primavera, passando o Inverno onde não há comida e

precisa de acumular». Para isso criou as fechaduras nas portas, as correntes nos pés. Só quando é preciso acumular é preciso defender a propriedade». Mas nem tudo é mau, disse Afonso, notando que foi o homem parado que criou os hospitais e as bibliotecas. «Não haveria escritores, nem leitores, se não fosse pela cerveja. Qualquer livro que lemos é um subproduto da cevada. O homem parado pode crescer na vertical, com livros, bibliotecas, cultura. A cerveja, depois de digerida, é um poema».

E se há algo que nos distingue dos animais, é o humor. E foi para falar dele, e da sua relação com a literatura, que Luís Carlos Patraquim, Germano Almeida, Ricardo Araújo Pereira e o angolano António Fonseca se sentaram no palco. O moçambicano Luís Carlos Patraquim não deixou de notar que, com algumas excepções, a literatura moçambicana não tem cultivado o humor. «Haverá humor na guerra? A guerra presta-se a tudo. Os maputenses ricm-se das próprias adversidades, o humor e a ironia estão presentes nas artes mas é na rua que reina a inventabilidade». Já o cabo-verdiano Germano Almeida considerou os três temas propostos para o encontro indissociáveis. «Os prazeres da mesa estão desde sempre associados aos prazeres da cama, basta ver a Bíblia ou o Kamasutra. Mas no meu país não me posso gabar desse matrimónio: somos abundantes em erotismo e humor. Mas a comida escasseia». E o angolano António Fonseca, que referiu os livros de Pepetela e Manuel Rui como bons exemplos para encontrar humor e sátira na literatura do seu país, notou: «O humor, tal como o entendemos em Angola, serve para amenizar as agruras da vida».



JOÃO DE MELO



MÁRIO ZAMBUJAL



NUNO CAMARNEIRO

E para analisar o humor, foi a Natal aquele que é um dos mais destacados humoristas da actualidade: Ricardo Araújo Pereira. «Diz-se que o humor é a arma dos fracos. É verdade, porque os fracos não têm acesso a armas mais eficazes. Mas também é a arma dos fortes. No Museu do Holocausto há uma zona só de caricaturas que os nazis faziam dos judeus. É através do humor que se menoriza o alvo», introduziu para, logo depois, colocar a sala a rir com a frase atribuída a Manuel da Fonseca, 'Isto de estar vivo ainda um dia acaba mal'. «Transforma o óbvio numa simples suspeita. O facto de nos fazer rir comprova que esse óbvio não é exactamente uma evidência. No nosso dia-a-dia não mantemos presente

**«Não haveria escritores se não fosse pela cerveja. A cerveja, depois de digerida, é um poema», disse Afonso Cruz**

a toda a hora essa informação inquietante, e com a qual é difícil viver, de que isto um dia acaba mal».

Humor e morte foram, aliás, os sujeitos da comunicação de Ricardo Araújo Pereira, que lembrou quando Hamlet, no cemitério, vê um coveiro brincar com a caveira de Yorick, o bobo da corte da sua infância. «Hamlet pega na caveira e pergunta: 'Onde estão agora as tuas piadas?'. E continua, dizendo: 'Vai ter com a minha dama e explica-lhe que por mais maquilhagem que ponha na cara é a este es-

tado a que vai chegar. Fá-la rir disso'. Sempre achei que esse é o trabalho do humorista: fazer as pessoas rir do facto de irem morrer». E foi o que aconteceu na Tenda dos Escritores naquela manhã.

Depois de fazer um apanhado das várias teorias sobre o humor, desde a de Aristóteles, da superioridade, de que nos rimos do outro porque nos sentimos superiores a ele, a Kant e Schopenhauer, que defendiam que nos rimos do incongruente, Ricardo Araújo Pereira terminou em Freud que, para dar um exemplo de humor, usou a história de um condenado à morte que, ao caminhar para o cadafalso numa segunda-feira, comenta que a semana começa bem. «Para Freud essas palavras são o exemplo daquilo que o humor faz pelo ser humano. Diz Freud: 'O mundo não é assim tão assustador. É apenas uma brincadeira de crianças com a qual vale a pena fazer uma piada'».

Por isso, Ricardo Araújo Pereira aproveitou para contar a história de São Lourenço. «O imperador chamou-o e disse-lhe que lhe trouxesse um tesouro da Igreja. São Lourenço andou pela cidade, arrebanhando pobres e doentes. E levou esse rebanho de infelizes à presença do imperador, que não achou graça e o condenou à morte. São Lourenço morreu na grelha. Reza a lenda que as suas últimas palavras foram: 'Este lado já está, podem virar'. É curioso que a Igreja Católica tenha nomeado São Lourenço como padroeiro das chefes de cozinha e dos churrascos, em especial». E foi assim que o humorista atravessou um oceano para dizer aos brasileiros que o foram ouvir que iam morrer. E fê-los rir disso. ●

rita.s.freire@sol.pt

\*O SOL viajou a convite da UCCLA

## FIM DE FESTA EM NATAL

Foi pelo quarto ano consecutivo que a UCCLA levou uma comitiva de autores dos vários países de expressão portuguesa a Natal, para o Encontro de Escritores que, este ano, se realizou integrado no Festival Literário de Natal, que levou à cidade autores como Milton Hatoum, Rubens Figueiredo, Zuenir Ventura, Eucanaã Ferraz e, aquele que corria o ponto alto do festival, Caetano Veloso.

Com tantos nomes de peso a juntarem-se à 'embaixada' levada pela UCCLA, pensar-se-



CAETANO VELOSO foi o ponto alto de festival

ria que esta quarta edição seria a mais concorrida. Mas não foi o que aconteceu. Com a mudança de prefeitura, o jogo político parece ter interferido, e a promoção das mesas promovidas pela UCCLA foi diminuta. Ao contrário do esperado, o público não acorreu em massa. A tenda onde o festival se realizou (coloca-

da no centro histórico, em frente ao Teatro Alberto Maranhão, onde decorreram as edições anteriores) não ajudou. Com capacidade para várias centenas de pessoas, foi impossível enchê-la (só Caetano esgotou a lotação). Os escritores, porém, não esmoreceram. Perante uma plateia que umas vezes contava 50 pessoas, outras vezes 100, fizeram rir, como ver, pensar. E os que souberam do encontro e ali se deslocaram não se arrependeram. Se esta festa da língua portuguesa se voltará a realizar na capital do Rio Grande do Norte só o futuro dirá. Mas ficou a ideia de fim de festa.